

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JOSÉ FELIPE MOURA DA ROCHA

**MEMORIAL ESTÁGIO SUPERVISIONADO: SOBRE A FORMAÇÃO  
INICIAL EM HISTÓRIA.**

Maceió – AL

2022.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**JOSÉ FELIPE MOURA DA ROCHA**

**MEMORIAL ESTÁGIO SUPERVISIONADO: SOBRE A FORMAÇÃO  
INICIAL EM HISTÓRIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do título de licenciatura em História pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, sob orientação do Prof. Dr. Danilo Luiz Marques.

Maceió - AL

2022.

FICHA CATALOGRÁFICA

**Catálogo na fonte Universidade  
Federal de Alagoas Biblioteca Central  
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

R672m Rocha, José Felipe Moura da.  
Memorial estágio supervisionado: sobre a formação inicial em história /  
José Felipe Moura da Rocha. – 2022.  
64 f.

Orientador: Danilo Luiz Marques.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História:  
Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências  
Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Inclui bibliografias.

1. Estágio supervisionado. 2. Escola pública. 3. Prática de ensino –  
História. I. Título.

CDU: 378

## RESUMO NA LÍNGUA VERNÁCULA

A experiência nos estágios supervisionados consegue mostrar com clareza todas as dificuldades e oportunidades dentro da escola pública referente ao aprendizado dos alunos e também do estagiário, que consegue, dentro dos obstáculos que surgem, realizar uma troca de conhecimento produtiva, mediante às possibilidades.

O objetivo central do trabalho é abordar e analisar sobre como a escola pública é precária em sua estrutura e equipamento para possibilitar aulas mais dinâmicas, além da dificuldade para conseguir realizar aulas de campo, mas também explanar as diversas artimanhas que se consegue aprender para conseguir, com as condições que tem, dar uma aula de qualidade, onde a troca de conhecimento com os alunos é produtiva.

Propõe-se, assim, apresentar reflexões e analisar como o modelo tradicional influencia de forma positiva ou negativa do conhecimento dos alunos e como aulas mais práticas e dinâmicas poderiam melhorar, aprimorar, o aprendizado.

**PALAVRAS CHAVE:** Estágio. Didática. Escola Pública

## RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

The experience in supervised internships manages to clearly show all the difficulties and opportunities within the public school regarding the learning of students and also of the intern, who manages, within the obstacles that arise, to carry out a productive exchange of knowledge, through the possibilities.

The central objective of the work is to approach and analyze how the public school is precarious in its structure and equipment to enable more dynamic classes, in addition to the difficulty in achieving field classes, but also to explain the various tricks that can be learned to achieve, with the conditions it has, to teach a quality class, where the exchange of knowledge with students is productive.

Therefore, it is proposed to present reflections and analyze how the traditional model positively or negatively influences students' knowledge and how more practical and dynamic classes could improve, enhance, learning.

**KEYWORDS:** Internship. Didactic. Public school

## SUMÁRIO

Introdução -----	8
SEÇÃO 1 – Sua inserção nas Disciplinas de Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado (I, II, III e IV) -----	15
1.1. Minha inserção na Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado I ---	15
1.1.1. Minha inserção na Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado II: 16	
1.1.1.1.Minha inserção na Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado III:- -----	19
1.1.1.1.1.Minha inserção na Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado IV: -----	21
SEÇÃO 2 - As disciplinas do curso de história e sua relação com as práticas pedagógicas na sala de aula da Educação Básica -----	23
SEÇÃO 3 - O Estágio IV: uma ação pedagógica planejada e desenvolvida em sala de aula na Educação Básica -----	23
SEÇÃO 4 - Trajetória de uma prática pedagógica na formação inicial de professores de história -----	27
Considerações Finais -----	27
Referenciais Teóricos -----	28
Anexos -----	32

### **Introdução e/ou Apresentação do Relatório:**

Este relatório irá falar a respeito das experiências vivenciadas ao longo desses dois anos, onde estive matriculado nas disciplinas de estágio 1 a 4, além de participar de programas como PIBID e PRP, de modo que se faça compreender tanto o que vivenciei dando regência quanto o material teórico por mim estudado para realizar as regências.

A matéria de estágio é a introdução da experiência do aluno no ambiente escolar. É através dessa disciplina que o aluno conhece o meio do qual fará parte no âmbito profissional. As quatro disciplinas, em sala de aula da universidade, seguem o mesmo processo: primeiro estudamos as teorias, lemos os textos, debatemos, para depois irmos pra sala de aula da educação de base, onde podemos vivenciar aquilo que discutimos anteriormente.

Os estágios de 1 a 3 foram realizados na escola municipal prefeito Edival Lemos dos Santos, e o professor da escola na disciplina de história se chamava Sebastião, que foi quem contribuiu para a minha formação prática quanto profissional.

A escola se encontra numa região periférica e atende crianças e adolescentes de baixa renda que residem no próprio bairro e nas suas redondezas.

Estágio 1 foi o início da concretização de tudo aquilo que eu vinha estudando, seja nas matérias pedagógicas, seja nas específicas do curso de história. Durante as aulas do professor da universidade, Antônio Bezerra, nos era apresentado métodos de aprendizado, durante o período na escola, eu podia observar como o professor lecionava, conseguindo extrair dele, mediante sua experiência, tudo aquilo que eu visse como algo que eu queria também utilizar nas minhas aulas.

O estágio 2 seguia o mesmo molde de estágio 1, onde nos era passado conteúdos pela professora Lidia Baumgarten na universidade para que tivéssemos uma boa base teórica e fôssemos capazes de nos sair bem na sala de aula.

Estágio 2, na escola Edival Lemnos, iniciou em 13 de novembro de 2019, terminando em 20 de fevereiro de 2020, na turma do 6º ano, na matéria de história, com o objetivo de realizar regências para poder fazer uso da prática na sala de aula, suas metodologias e compreender através da experiência adquirida sobre as diferentes formas de aprendizado dos alunos.

Com a chegada da pandemia do COVID-19, as aulas presenciais foram suspensas, sendo realizadas de maneira remota. Com isto, a matéria de estágio 3 acabou ficando sem aula prática, já que não era possível ir à escola. Já na matéria de estágio 4, eu havia feito e passado na seleção para o Programa de Residência Pedagógica, onde pude voltar às regências, porém de maneira remota.

As aulas da disciplina Estágio 3 foram ministradas pelo professor Antônio Bezerra, através do Google Meet, tinham duração de uma hora e acontecia sempre às segundas-feiras. Diante de uma modalidade diferente (online) a organização das aulas se deu através do plano de aula que foi repassado para os alunos e as aulas eram realizadas com debates entre os mesmos, além da mediação e orientação feitos pelo professor. Através do AVA, o professor nos enviava textos que deveriam ser lido por nós nos dias que antecedessem a aula, para que fosse possível a discussão sobre o tema designado.

Os alunos, de modo geral, participaram da aula de maneira produtiva, apesar das adversidades impostas por aulas remotas. As aulas tiveram início com o texto de Déa Ribeiro Felon, intitulado “A formação do profissional de história e a realidade do ensino”. O texto trata de questões sobre como estão sendo realizada a formação dos profissionais de história. A autora se refere a um ciclo vicioso criado desde a educação de base e que perdura durante a graduação, formando professores que farão “mais do mesmo”, igual aos seus professores. Ou seja, um ciclo interminável, onde permite a consolidação de uma estrutura de dominação social. O aluno vai pra sala de aula, aprende aquele conteúdo da matéria, faz as provas, o professor pouco lhe instiga a raciocinar a respeito de sua condição, a respeito daquele fato histórico estudado, não despertando a criticidade do aluno. O estudante da graduação aprende metodologias e técnicas de ensino para transmitir o conteúdo do livro didático pra o seu aluno. Déa critica justamente essa

conduta e durante as aulas foi debatido justamente esses pontos, buscando encontrar maneiras de quebrar esse ciclo, de melhorar as aulas, de possibilitar a construção da criticidade histórica. Na aula seguinte, tivemos acesso ao texto “professores de história iniciantes: entre saberes e práticas”, do Osvaldo Mariotto Cerezer e Selva Guimarães. Neste texto, os autores nos mostram alguns aspectos que eles consideram importantes na vida do professor que está começando a carreira através de um estudo feito usando a história oral. Eles entrevistam professores de história que estão começando e fazem uma análise a respeito das dificuldades enfrentadas por eles no início das suas carreiras, observando que ainda é preciso maiores

investimentos durante a formação do profissional para que este consiga chegar na sala de aula melhor preparado, sem as incertezas que os cercam, sem os receios de enfrentar as adversidades do meio escolar.

Durante a aula, pudemos fazer discussões a respeito desse tema, conversando sobre essas dificuldades encontradas e mostrando meios que possam melhorar esse início de carreira. Passado esse momento, discutimos a respeito do texto da Flávia Eloisa Caimi (o que precisa saber um professor de história) onde pudemos perceber que para ensinarmos história precisamos não apenas sabermos sobre história, mas também sabermos sobre a realidade dos alunos pra quem vamos lecionar. Claro que é preciso dominar os saberes que iremos mediar, mas também é preciso ter conhecimento sobre os saberes do aprender, ou seja, os professores reconhecerem quem são os que aprendem, para então utilizar os métodos que possibilitem o aprendizado. Dentre as atividades necessárias para que pudéssemos compreender o assunto, foi determinado que apresentaríamos um texto na forma de seminário. O texto era do autor Graham Butt, sobre o planejamento de aulas bem sucedidos. Eu fiquei responsável por apresentar junto com meu colega Tiago da Silva, os capítulos 3 e 4, porém, ele não pôde participar nesse momento. O capítulo 4 foi apresentado juntamente com o professor orientador da matéria Antônio Bezerra.

O texto nos fala basicamente de como planejarmos uma aula, levando em conta o que o professor acha que é importante pra o aluno aprender, quais os métodos que ele vai utilizar, o tempo que ele vai usar para dar esse conteúdo, a capacidade do aluno que irá aprender, pois compreendendo esses pontos, mais facilmente se chegará ao êxito no aprendizado dos alunos nas aulas de história. O capítulo apresentado por mim (planejamento e diferença entre os alunos) expõe justamente a questão das aptidões dos alunos que irão aprender aquele conteúdo, fazendo com que compreendamos a importância de entender essa questão para pensar na melhor maneira de elaborar a aula. Notar a diferença entre os melhores meios que um aluno compreende um assunto não é fácil, já que numa turma são muitos alunos e os métodos também são variados, mas conseguir perceber isso torna tudo mais simples, já que encontrar um método em comum ou usar métodos distintos de aprendizado pode atingir um maior número de alunos, fazendo com que a transmissão do conteúdo ocorra de uma forma bem sucedida.

Para o autor, muitas são as habilidades do ser humano em desenvolvimento, algumas mais aguçadas que outras e são elas: intrapessoal, interpessoal, linguística, corporal cinestésica, musical, espacial, lógico-matemática. Cabe ao professor identificar as inteligências específicas

e ir utilizando os melhores métodos conforme os assuntos que serão abordados. O capítulo 4 nos mostrou a importância de planejarmos bem uma aula, já levando em consideração os problemas que podem surgir no método escolhido e tendo sempre outras opções para utilizar, além de manter em dia e organizado o diário de classe. O seminário seguiu com a apresentação dos alunos Dyandra e Tiago a respeito dos capítulos 5, 6 e 7, que falam sobre como gerir uma classe, qual a melhor maneira de dar início às aulas, preocupando-se também em dar uma aula com início, meio e fim. Com o objetivo de melhor manter a organização a respeito dos planos de aula, é necessário que seja mantido uma rotina e um planejamento sobre como é a sala de aula e quais os recursos podem ser utilizados para otimizar as aulas. Diante das dificuldades de um ensino remoto e da não possibilidade de aula prática, o professor Antônio se empenhou para que aprendêssemos a criar nosso próprio plano de aula. Nos sendo passadas orientações a respeito da elaboração e também discussões sobre quais os melhores métodos que cada profissional gosta de utilizar e porquê. Assim como também nos foi disponibilizado no AVA textos sobre “ser negro no Brasil”, “o uso dos eixos temáticos nas aulas de história”, que nos ajudaram a refletir a respeito de como elaborarmos o nosso projeto temático (outra atividade solicitada pelo professor para atribuição de nota.). Os textos são contribuições dos historiadores Antonio Bezerra e Elizabeth Biaconcini para o livro Ensino de História e Etnicidades, e abrange temas como racismo estrutural, dignidade da pessoa humana e a inserção do

estudo sobre o negro no conteúdo didático, uma maneira de incentivar o aprendizado a respeito de todas as dificuldades impostas pela sociedade a pessoas de cor escura, como o preconceito cria a desigualdade social entre negros e brancos, porquê estudar e dar aula a respeito desse tema. O texto nos mostra a relevância de tal conteúdo num país racista como o Brasil.

Quando iniciou a disciplina de estágio 4, eu já estava inserido no Programa Residência Pedagógica que, diante da fase pandêmica, está acontecendo de maneira remota, com reuniões que acontecem através do Google meet, e que a professora orientadora Lidia Baumgarten disponibiliza o material para nós no Classroom, para que possamos ler e depois debater a cada reunião do grupo, que acontece às quartas-feiras, das 13 às 17.

O número de alunos participantes do PRP é 24 alunos, sendo dividido em três escolas, cada uma com seu grupo de whatsapp particular. Havendo também um grupo geral, por onde nos comunicamos quando o assunto é de interesse de todo o coletivo.

No grupo privado, as conversas giram em torno de assuntos da própria escola em que se está inserido.

A escola da qual eu estou fazendo parte é a Escola Estadual Professora Maria Lúcia Lins de Freitas, localizada no conjunto Graciliano Ramos, sob supervisão do professor Paulo Victor Barbosa.

Os materiais disponibilizados pela orientadora Lídia Baumgarten, complementaram todo o aprendizado que já havia tido nas disciplinas de estágio anteriores e tratavam de assuntos como a compreensão da educação histórica, elaborar de maneira diversificada os planos de aula, entender a respeito de conceito substantivo e progressão da compreensão, incentivar a formação/crescimento da consciência histórica dos alunos, utilizar as fontes históricas. No quesito teoria, foi um conteúdo a mais.

Após a formação e com a orientação do professor Victor, demos nossa regência para os alunos do 9º ano, inicialmente no Google Meet, mas depois, com o retorno das aulas presenciais, de maneira híbrida, fizemos isto de maneira gravada.

As atividades assíncronas que realizamos foram a avaliação diagnóstica, onde pudemos falar sobre a estrutura da escola, a quantidade de alunos e funcionários; o plano de aula; o projeto de docência e o relatório do programa residência pedagógica. Já as atividades síncronas foram as regências, que no meu caso, foram três aulas a respeito da ditadura civil-militar no Brasil.

A regência foi feita em trio, eu, Priscylla e Mylena. Inicialmente, a fizemos através do Google meet e depois de forma gravada, pois as aulas já haviam retornado.

Os alunos nos deram o feedback através da resolução das atividades que foram passadas por nós, que tentamos ser o mais didático possível, fazendo uso de slides, estimulando a criticidade dos alunos, buscando fazê-los compreender a respeito desse momento tão violento da nossa história e o que significa combater qualquer forma ditatorial de estado.

Os nossos estudos para realizar essa regência se basearam nos autores seguintes:

- Introdução – História do Ensino de História (slides) - Lídia

- SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C. (orgs.) Apresentação. In: O que é Educação Histórica. Vol 1. Coleção Ed. Histórica. Curitiba: W. A. Editores, 2018.

- BARCA, I. Educação Histórica: uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras. História. Porto, III Série, vol. 2, 2001.

Ivor Goodson - Currículo, narrativa e futuro social BAUMGARTEN, Lídia. História, uma disciplina sob suspeita. Vol 1. Curitiba. CRV. Editora. 2020.

LEE, Peter. Colocando os princípios em prática: entendendo a história. In: BRANSFORD, J.D .; DONOVAN, M. S. (Eds.). Como os alunos aprendem: história, matemática ciências no Sala de aula. Washington, DC: National Academy Press, 2005.

BARCA, Isabel. Perspectivas em Educação Histórica. Vol 5. Série Actas. 2001.

Cainelli, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental. Curitiba, Especial, p. 57-72. Editora UFPR. 2006

Lindamir Zeglin Fernandes. A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Ed. Histórica.

GAGO, Marília. Opinião, Ponto De Vista E Perspectiva - A Construção Da Narrativa Histórica E As Questões De Objetividade/Verdade Em História. ISSN: 2177-5648 OPSIS (Online), Catalão-GO, v. 20, n. 1, 2020

Fronza, Marcelo; Schmidt, Maria Auxiliadora. Consciência Histórica e Interculturalidade, Investigações em Educação Histórica. W.A. Editores. Curitiba. 2016.

Além do material disponibilizado nos seguintes sites:  
<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/NGwM4fhVhW4rhdnTNXZhpmm/?lang=pt>

<https://jus.com.br/artigos/65963/sindicalismo-e-direitos-sociais-no-regime-militar1964-1985>

<https://jus.com.br/artigos/85945/ao-defender-brilhante-ustra-o-vice-mourao-na-verdadeo-desmentiu>

<https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/05/1973-as-criancas-abusadas-e-mortasdaera-medici/>

Documentários e filmes:

"O dia que durou 21 anos" [youtu.be/4ajnWz4d1P4](https://youtu.be/4ajnWz4d1P4)

"Cidadão Boilesen" [youtu.be/yGxIA90xXe10](https://youtu.be/yGxIA90xXe10)

"Jango" [youtu.be/1O4SZQZ-ikk](https://youtu.be/1O4SZQZ-ikk)

"Dossiê Jango" [youtu.be/Ic8jfNmTXNE](https://youtu.be/Ic8jfNmTXNE)

"Marighella" [youtu.be/7Mw386dVhcY](https://youtu.be/7Mw386dVhcY)

"Vlado" [youtu.be/pB8XCSwyOeU](https://youtu.be/pB8XCSwyOeU)

"Hércules 56" [youtu.be/Eo4DmmQKjRk](https://youtu.be/Eo4DmmQKjRk)

"Oitenta Anos de Resistência" [youtu.be/OXHhuEAuSmg](https://youtu.be/OXHhuEAuSmg)

"Lamarca" [youtu.be/Wy1g8kRMD5Q](https://youtu.be/Wy1g8kRMD5Q)

"O que é isso, companheiro?" [youtu.be/05rc2CfE0n0](https://youtu.be/05rc2CfE0n0)

"Zuzu Angel" [youtu.be/TUv1BTLBSBQ](https://youtu.be/TUv1BTLBSBQ)

"O ano em que meus pais saíram de férias" [youtu.be/S7csvGiocLc](https://youtu.be/S7csvGiocLc)

"Araguaya conspiração do silêncio" [youtu.be/9eFpuemaT7U](https://youtu.be/9eFpuemaT7U)

"Pra Frente Brasil" [youtu.be/6mDZOFECKwI](https://youtu.be/6mDZOFECKwI)

"Batismo de Sangue" [youtu.be/DbSu4VLxe48](https://youtu.be/DbSu4VLxe48)

"Tempo de Resistência" [youtu.be/7o8z0L7t6pw](https://youtu.be/7o8z0L7t6pw)

"Linha de Montagem" [youtu.be/svh-lGcSDmU](https://youtu.be/svh-lGcSDmU)

"Perdão, mister Fidel" [youtu.be/xv0SFgf4iDE](https://youtu.be/xv0SFgf4iDE)

[https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955?ocid=socialflow\\_facebook](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955?ocid=socialflow_facebook)

<http://memoriasdaditadura.org.br/>

## **SEÇÃO 1 – Sua inserção nas Disciplinas de Prática de Ensino de História e Estágio**

### **Supervisionado (I, II, III e IV)**

#### **1.1. Minha inserção na Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado I:**

O estágio 1 foi realizado na escola municipal prefeito Edival Lemos dos Santos. Uma escola periférica, que lida com crianças e adolescentes de baixa renda. O estágio iniciou em abril de 2019, terminando em setembro de 2019, na turma do 7º ano, na matéria de história, com o objetivo de me permitir observar e aprender a respeito da prática na sala de aula, suas metodologias e as diferentes personalidades dos alunos, me fazendo notar que cada metodologia é importante, pois atinge os alunos de maneira distinta.

A Escola Municipal Prefeito Edival Lemos Santos, está localizada na Avenida São José, sem número, no bairro da Poeira, Marechal Deodoro-Alagoas e é de 1977. A origem do nome é uma homenagem a um ex prefeito da cidade, assassinado em praça pública. Durante muitos anos, no mesmo prédio funcionava a escola Audifax Omena de Almeida a noite e a escola Edival Lemos pela manhã. Ficando com o prédio apenas para a escola Edival a partir de 1999.

O prédio da escola é todo em alvenaria e foi construído para seu funcionamento. Em 2018 passou por uma reforma para ficar mais moderno, porém não tem adaptação para pessoas com necessidades especiais, apesar de atender às necessidades da escola, os banheiros são adaptados e tem vasos sanitários e chuveiros adequados, como também bebedouro o suficiente para todos. A escola contém térreo e primeiro andar, sendo 18 salas de aula no total, um pátio para livre recreação e um refeitório, onde os alunos comem a merenda todos os dias, variando esta entre macarronada, canja, raízes e sempre proteína e suco. As aulas de educação física acontecem numa quadra de esportes coberta, cedida à escola, a mesma também possui uma sala

para direção, orientador educacional, biblioteca, coordenação pedagógica e sala dos professores.

Formada por 61 docentes, sendo 33 nomeados e 28 contratados, a escola Edival Lemos, possuía, na época, 944 alunos, estando 475 no ensino infantil e 469 no ensino fundamental.

As maiores dificuldades encontradas é utilizar os materiais contidos na escola como data show, som, pois por ter em pouca quantidade fica difícil possibilitar que todos os professores possam utiliza-lo com frequência.

O estágio 1 foi uma oportunidade para que eu tivesse contato com a sala de aula, notando que as dificuldades variam de acordo com a escola, nos fazendo observar as atribuições que uma escola tem e também as melhores maneiras para nos sobressairmos.

Referências utilizadas para compreensão na disciplina de Estágio 1:

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz & Terra, 1992.

### **1.1.1. Minha inserção na Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado II:**

Ao longo do curso de história-licenciatura, eu fui aprendendo diversos métodos pedagógicos para serem utilizados em sala de aula que facilitassem a compreensão do aluno em relação ao conteúdo. Com a disciplina de Estágio Supervisionado II, não foi diferente.

Mediada pela Professora Doutora Lidia Baumgarten, a disciplina aconteceu de maneira presencial, onde nos foi dado uma lista de textos para que pudéssemos ler, compreender e debater na aula seguinte.

Apesar de ainda ser início da matéria de estágio, a professora Lídia buscou nos estimular e nos incentivou a compreender a respeito do Ensino de História, utilizando autores como Paulo Freire para melhorar a compreensão a respeito de uma boa aula.

Para a aula prática de estágio, eu permaneci alocado na Escola Prefeito Edival Lemos dos Santos, localizada no bairro Poeira, na cidade de Marechal Deodoro, onde eu pude dar continuidade a análise iniciada em Estágio 1.

A escola permaneceu com uma estrutura mediana, que atendia ao público do fundamental II e EJAII em dois turnos, manhã e tarde, contendo 18 salas de aula, todas climatizadas, 101 funcionários. Os alunos em sua maioria moravam nos bairros adjacentes a escola, mas ainda sim a prefeitura assegurava o serviço de transporte escolar.

A escola possuía um quadro completo de professores e conseguia atender a demanda curricular do ensino fundamental II. A cozinha da escola funcionava todos os dias e as refeições variavam de macarronadas, biscoitos e raízes com proteína, sendo todas as refeições acompanhadas de sucos.

A unidade tinha um histórico de alunos envolvidos em episódios de violência, uso de drogas, porte de arma e gravidez na adolescência, fato que poderia ser entendido como reflexo das comunidades atendidas pela escola, que careciam de atenção por parte do poder público.

O quadro de professores era composto por efetivos e monitores, sendo os monitores maioria. Porém existia, no mínimo, um professor efetivo para cada disciplina. Também possui porteiro durante os turnos de funcionamento.

As aulas de história eram, em sua maioria, satisfatórias, porém necessitavam de aulas mais dinâmicas, as vezes, pois como é uma cidade histórica, facilitava bastante a inclusão de aulas de campo, passeios pela própria cidade, que permitisse ao aluno conhecer a sua história de uma maneira diferente da tradicional.

Durante minha passagem pela escola, eu aproveitei para utilizar o que me é ensinado na sala de aula, além do que, no momento, eu estava fazendo parte do programa de iniciação à docência (PIBID), onde estive presente por 9 meses. Através disto, no intuito de tornar a aula mais dinâmica e com variados modelos de aprendizado, utilizei data show, mapa, quis e

estimulei debates sobre o conteúdo, mesmo com a idade dos alunos sendo de crianças de 11-12 anos, já que as aulas aconteciam numa turma de 6º anos.

As dificuldades variavam conforme a realidade do aluno, que muitas vezes chegava na sala de aula desmotivado em virtude da falta de perspectiva que existe na sua vida, isso quando não ia apenas com o intuito de esperar pela merenda.

A experiência do estágio 2, me fez analisar a possibilidade de realizar aulas que incluam as realidades dos alunos, pois notei o quanto é importante para a construção da criticidade histórica do aluno ele perceber que a história da vida dele também faz parte da história e, com isto, aumentar o interesse pela matéria, se enxergando como parte do processo histórico.

Como referência para a minha regência em estágio 2, eu fiz uso das seguintes

bibliografias:

ABUD, Katia Maria, Ensino de História;

CAIMI, Flávia Eloisa, O que precisa saber um professor de História, 2014/2015;

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz & Terra, 1992.

GUIMARÃES, Selva, Didática e Prática de Ensino de História;

SCHMIDT, M.A. A formação do professor de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.

THOMPSON, E.P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

### **1.1.1.1.Minha inserção na Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado III:**

A disciplina de estágio 3 foi realizada de modo remoto, através do AVA, para atividades assíncronas e do Google Meet, para reuniões entre o professor e os alunos.

Através do AVA, o professor Antônio nos repassava os textos que precisaríamos ler para debater na aula seguinte. Os alunos, de modo geral, participaram da aula de maneira produtiva, apesar das adversidades impostas por aulas remotas. Acontecendo de maneira remota, o aprendizado requer um pouco mais de esforço, já que dentro de casa várias coisas podem distrair e tirar você do foco, porém, mesmo em meio às dificuldades, eu consegui compreender bem os conteúdos debatidos durante as aulas.

A minha participação, dentro das minhas condições, foi significativa. Busquei ler os textos e participar das aulas, mesmo em meio a tantos problemas (pessoais, de conexão com internet, de quebra de notebook, de celular mediano). Apesar de tantos obstáculos, eu tentei e me esforcei bastante para compreender o que estava sendo debatido, absolver as informações, dialogar a respeito dos conteúdos. Creio que, de certo modo, foi positivo o meu aprendizado.

A maior diferença entre o ambiente remoto e o físico está justamente no contato, na facilidade para que, nos corredores da UFAL, possamos tirar dúvidas com o professor, discutir um pouco mais com os colegas sobre os temas após o final das aulas, além de não termos que precisar da internet, que pode cair a qualquer momento. Por mais que o ambiente remoto permita que dúvidas sejam sanadas, de certa forma, é restrito o acesso ao professor e aos outros alunos. Diante do ambiente remoto, da incerteza e insegurança iniciais, não tivemos aula prática, ou seja, não fizemos a regência, porém, construímos um plano de aula e um projeto temático que poderão ser utilizados posteriormente.

Referenciais teóricos:

A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a. p. 51-78.

ALVES, Alexandre; Oliveira, Leticia Fagundes de. Conexões com a História: Volume Único; São Paulo: Moderna, 2010.

BUTT, Graham. “O planejamento das aulas bem sucedidas.” Ed. SBS. 2ª ed. São Paulo. 2009.

BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli T; SATLER, Carla F. “Ensino de História e Etnicidades.” Ed. Sobre Otens. 1ª ed. Rio de Janeiro. 2020. (pág 102 – 108).

CEREZER, Osvaldo Mariotto; GUIMARÃES, Selva. “Professores de história iniciantes: entre saberes e práticas.” Londrina. 2015.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. “Caminhadas pela cidade”. p 169-182. Petrópolis. Editora Vozes, 3ª edição, 1998.

COSTA, Valeria; GOMES, Flavio. Religiões negras no Brasil da escravidão após à emancipação. Rio de Janeiro. Ed. Selo Negro, 2016.

DIAS, Gabriela Torres. “O Intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950). Dissertação de mestrado. 2018.

FENELON, Dea Ribeiro. “A formação do profissional de história e a realidade do ensino.” Paraíba. Ed Revista Projeto histórico. 1982.

GORENDER, Jacob. Brasil em Preto & Branco. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

IMAGEM. “Casal de ex-escravos de mãos dadas”, Porto Alegre, 1900. Disponível no acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

MATTA, Roberto da. O que faz do brasil, Brasil? “A casa, a rua e o trabalho” “O modo de navegação social: a malandragem e o jeitinho” p 93-106. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p 21-34.

NOVAES, A. Fernando. História da Vida Privada no Brasil Volume 3: “Republica da Belle Époque à Era do Rádio.” Pág. 131-214 / 289-366

RAFAEL, Ulisses Neves. Xangô rezado baixo: religião e política na primeira república. São Cristóvão: Editora UFS; Maceió: Edufal, 2012.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, M.

SALVARI, Fábio - Recife, Formando cidadãos - Manual de história para o ensino fundamental. São Paulo. Ed. SM. 2017

SENA, Sandra Catarina de. “São quase todos pretos”: cotidiano e experiência da classe trabalhadora em Maceió pós abolição. Maceió, PPG em História UFAL, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o Autoritarismo Brasileiro. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TENORIO, Douglas Apratto. Metamorfose das Oligarquias. “Alagoas no alvorecer do século XX” p19-38. “A longa era dos Malta” p 73-88. Maceió: EDUFAL, 2009.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História Geral e do Brasil. 2 edição. São Paulo: Ed. Scipione, 2013.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História Geral e do Brasil. 3 edição São Paulo: Ed. Scipione, 2013.

#### **1.1.1.1.1.Minha inserção na Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado IV:**

Durante as aulas de estagio 4, eu estive inserido no Programa Residência Pedagógica, o que fez com que eu não precisasse participar das aulas, porém, participei da formação dentro do próprio residência pedagógico, assim como, diferente do estágio 4, eu pude também realizar a regência.

A residência pedagógica contribui de maneira significativa com a formação do estudante do curso de graduação, pois serve como uma espécie de estágio mais aprofundado, onde o aluno é inserido na educação básica, podendo realizar mais de uma regência. Por ser um programa de residência para formação de docentes, ele contribui bastante para a qualificação profissional, visto que o residente atua na escola de maneira ativa, de modo a investigar e refletir a respeito da prática docente e da possibilidade de intervir e melhorar a educação.

Consciente disto, eu busquei me dedicar ao máximo ao programa, seja participando dos debates em grupo, seja realizando minha regência, buscando meios que conseguissem chegar

ao maior número de alunos possíveis, já que as aulas aconteciam de forma remota, através do Google Meet.

Dentro das condições ofertadas nesse momento excepcional, eu busquei fazer uso de slides, de filmes, músicas e todos os meios que estivessem ao meu alcance para que eu conseguisse atrair a atenção dos alunos e fazê-los compreender a respeito do conteúdo que estava sendo por mim lecionado.

De uma maneira satisfatória, a resposta dos alunos veio com a participação nas aulas e com a resolução das atividades, sempre positivamente.

O que eu pude notar ao chegar ao estágio 4 é que tudo é uma grande construção, um processo para chegar até aqui. Vindo desde estágio 1, com a parte introdutória, abordando autores como Paulo Freire e seu método de ensino e depois, em estágio 2 e 3, lendo autores como Déa Ribeiro Fenelon, tratando de questões sobre como estão sendo realizada a formação dos profissionais de história, Osvaldo Mariotto Cerezer e Selva Guimarães, autores nos mostram alguns aspectos que eles consideram importantes na vida do professor que está começando a carreira através de um estudo feito usando a história oral, Flávia Eloisa Caimi, que nos faz perceber que para ensinarmos história precisamos não apenas sabermos sobre história, mas também sabermos sobre a realidade dos alunos pra quem vamos lecionar. Os autores que estudamos ao longo do curso dão sequencia e métodos ao que foi estudado anteriormente para que possamos ter um arcabouço completo de toda teoria e sabermos as melhores maneiras de utilizar em sala de aulas, buscando um meio de fazer com que os alunos absolvam o conteúdo e formem seu próprio pensamento crítico.

## **SEÇÃO 2 - As disciplinas do curso de história e sua relação com as práticas pedagógicas na sala de aula da Educação Básica**

A disciplina de história contemporânea ajudou a fomentar os conteúdos didáticos do ensino fundamental II. Teóricos como Eric Hobsbawm, Giovanni Arrighi, entre outros, trabalhado com a prof. Dra. Ana Paula contribuíram substancialmente para os tópicos sobre 1º guerra mundial, crise de 1929, 2º guerra mundial, totalitarismo, economia mundial entre outros.

Tais conteúdos são fundantes para a criação de uma consciência histórica. Claro que todas as disciplinas contribuíram de alguma forma para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem necessário a formação dos educandos do ensino fundamental II e médio.

Porém, cada professor tem suas particularidades e preferências que lhe permitem ser capaz de aprofundar ou não em determinados temas.

Obras como A Era dos Extremos: O Breve Século XX e O Longo Século XX abrem o olhar dos professores para temas cruciais como as guerras mundiais e o desenvolvimento da economia capitalista.

### **SEÇÃO 3 - O Estágio IV: uma ação pedagógica planejada e desenvolvida em sala de aula na Educação Básica**

Durante minha participação no PRP (Programa de Residência Pedagógica), eu fiz a minha regência utilizando o conteúdo sobre a Ditadura Civil Militar no Brasil. A escola que eu participo, buscou um método onde daríamos continuidade cronológica, mostrando os governos populistas, até chegarmos ao ano em que estamos vivendo.

O tema da ditadura militar, escolhido por mim e minhas duas colegas foi algo motivado pela nosso interesse em demonstrar o que foi esse período de repressão e violência, fazendo uma associação ao que tem acontecido nos dias atuais, demonstrando as desvantagens de se viver numa ditadura, mostrando como os outros países do cone sul que também viveram ditaduras nesse mesmo período do Brasil agiram e trataram os militares que torturaram e mataram civis que iam contra os seus desmandos, fazê-los compreender sobre o que é a disputa de memória, com o intuito de criar nos alunos uma criticidade, uma consciência histórica, capaz de fazê-los analisar este período.

a) O que lhe motivou a escolher aquele tema da aula para regência?

O intuito de fazer os alunos compreenderem sobre disputa de memória, sobre o período da ditadura civil militar e fortalecerem o seu pensamento crítico a respeito deste momento.

b) Por que escolheu essa faixa etária de estudante ou turma na Educação Básica?

No PRP não escolhemos a faixa etária. O professor da escola é quem está alocado na turma de 9º ano. Nós damos regência na sala de aula que ele dá a sua aula.

c) E os objetivos, quais foram as suas motivações?

A motivação é o intuito de criar uma consciência histórica nos alunos, para que eles compreendam o risco de não defender a democracia.

d) Procedimentos metodológicos e uso de recursos técnicos e linguagens diferenciadas, procedimentos de avaliação?

Utilizamos de recursos audiovisuais, tais como slides, vídeos... E as avaliações eram feitas de forma criativa, para que eles buscassem ainda mais ler o conteúdo para que fosse possível debater e fazer as atividades que eram designadas por nós.

Os autores utilizados por nós foram:

- Introdução – História do Ensino de História (slides) - Lídia

- SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C. (orgs.) Apresentação. In: O que é Educação Histórica. Vol 1. Coleção Ed. Histórica. Curitiba: W. A. Editores, 2018.

- BARCA, I. Educação Histórica: uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras. História. Porto, III Série, vol. 2, 2001.

Ivor Goodson - Currículo, narrativa e futuro social

BAUMGARTEN, Lídia. História, uma disciplina sob suspeita. Vol 1. Curitiba. CRV Editora. 2020.

LEE, Peter. Colocando os princípios em prática: entendendo a história. In: BRANSFORD, J.D .; DONOVAN, M. S. (Eds.). Como os alunos aprendem: história, matemática e ciências no Sala de aula. Washington, DC: National Academy Press, 2005.

BARCA, Isabel. Perspectivas em Educação Histórica. Vol 5. Série Actas. 2001.

Cainelli, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental. Curitiba, Especial, p. 57-72. Editora UFPR. 2006

Lindamir Zeglin Fernandes. A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Ed. Histórica.

GAGO, Marília. Opinião, Ponto De Vista E Perspectiva - A Construção Da Narrativa Histórica E As Questões De Objetividade/Verdade Em História. ISSN: 2177-5648. OPSIS (Online), Catalão-GO, v. 20, n. 1, 2020

Fronza, Marcelo; Schmidt, Maria Auxiliadora. Consciência Histórica e Interculturalidade, Investigações em Educação Histórica. W.A. Editores. Curitiba. 2016.

Além do material disponibilizado nos seguintes sites:

<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/NGwM4fhVhW4rhdnTNXZhpmm/?lang=pt> 19

<https://jus.com.br/artigos/65963/sindicalismo-e-direitos-sociais-no-regime-militar1964-1985>

<https://jus.com.br/artigos/85945/ao-defender-brilhante-ustra-o-vice-mourao-na-verdadeo-desmentiu>

<https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/05/1973-as-criancas-abusadas-e-mortas-da-era-medici/Documentários e filmes:>

"O dia que durou 21 anos" [youtu.be/4ajnWz4d1P4](https://youtu.be/4ajnWz4d1P4)

"Cidadão Boilesen" [youtu.be/yGxIA90xXe](https://youtu.be/yGxIA90xXe)

"Jango" [youtu.be/1O4SZQZ-ikk](https://youtu.be/1O4SZQZ-ikk)

"Dossiê Jango" [youtu.be/Ic8jfNmTXNE](https://youtu.be/Ic8jfNmTXNE)

"Marighella" [youtu.be/7Mw386dVhcY](https://youtu.be/7Mw386dVhcY)

"Vlado" [youtu.be/pB8XCSwyOeU](https://youtu.be/pB8XCSwyOeU)

"Hércules 56" [youtu.be/Eo4DmmQKjRk](https://youtu.be/Eo4DmmQKjRk)

"Oitenta Anos de Resistência" [youtu.be/OXHhuEAuSmg](https://youtu.be/OXHhuEAuSmg)

"Lamarca" [youtu.be/Wy1g8kRMD5Q](https://youtu.be/Wy1g8kRMD5Q)

"O que é isso, companheiro?" [youtu.be/05rc2CfE0n0](https://youtu.be/05rc2CfE0n0)

"Zuzu Angel" [youtu.be/TUv1BTLBSBQ](https://youtu.be/TUv1BTLBSBQ)

"O ano em que meus pais saíram de férias" [youtu.be/S7csvGiocLc](https://youtu.be/S7csvGiocLc)

"Araguaya conspiração do silêncio" [youtu.be/9eFpuemaT7U](https://youtu.be/9eFpuemaT7U)

"Pra Frente Brasil" [youtu.be/6mDZOFECKwI](https://youtu.be/6mDZOFECKwI)

"Batismo de Sangue" [youtu.be/DbSu4VLxe48](https://youtu.be/DbSu4VLxe48)

"Tempo de Resistência" [youtu.be/7o8z0L7t6pw](https://youtu.be/7o8z0L7t6pw)

"Linha de Montagem" [youtu.be/svh-lGcSDmU](https://youtu.be/svh-lGcSDmU)

"Perdão, mister Fidel" [youtu.be/xv0SFgf4iDE](https://youtu.be/xv0SFgf4iDE)

[https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955?ocid=socialflow\\_facebook](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955?ocid=socialflow_facebook)

<http://memoriasdaditadura.org.br/>

#### **SEÇÃO 4 - Trajetória de uma prática pedagógica na formação inicial de professores de história**

As minhas experiências, seja no ambiente da universidade, remoto ou na sala de aula de escola básica foram as mais proveitosas possíveis, onde eu pude me munir de conhecimento e utiliza-lo em minhas regências.

As experiências variaram entre diálogos sobre os textos, conversas sobre a realidade política e social vivida nesses últimos anos, as melhores maneiras de dar uma aula e a constante

vontade de fazer dos alunos de escola de base o mais consciente possível da sua realidade, fazendo-os analisar quais seriam os meios que lhes levaram para tal realidade e como fazer para modificar isto.

### **Considerações Finais**

O curso de história licenciatura, de forma geral, contribui bastante para a formação dos alunos, seja nas disciplinas de docência ou nas específicas, referentes ao conteúdo de história.

O curso de História nos permite desenvolver uma grande capacidade de refletir sobre as ações do homem no tempo e no espaço, analisar os efeitos dessas ações e acompanhar a evolução cultural, religiosa, política, econômica e social.

Durante o curso, estudamos não apenas o Brasil, mas todo o mundo, desde a antiguidade, a evolução do homem, da sociedade, a história antiga, a evolução das era das máquinas e tecnológicas, até esta fase de História Moderna. Aprendendo diversos fundamentos pedagógicos, para que possa o profissional da educação dar uma espécie de sustentação à prática do ensino.

Então, o curso, os professores, claro, cada um com suas particularidades, qualidades e defeitos, nos permitiram evoluir e amadurecer, para que sejamos bons profissionais.

### **REFERÊNCIAS:**

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz & Terra, 1992.

ABUD, Katia Maria, Ensino de História;

- CAIMI, Flávia Eloisa, O que precisa saber um professor de História, 2014/2015;
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970.
- FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz & Terra, 1992.
- GUIMARÃES, Selva, Didática e Prática de Ensino de História;
- SCHMIDT, M.A. A formação do professor de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.
- THOMPSON, E.P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a. p. 51-78.
- ALVES, Alexandre; Oliveira, Leticia Fagundes de. Conexões com a História: Volume Único; São Paulo: Moderna, 2010.
- BUTT, Graham. “O planejamento das aulas bem sucedidas.” Ed. SBS. 2ª ed. São Paulo.2009.
- BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli T; SATLER, Carla F. “Ensino de História e Etnicidades.” Ed. Sobre Otons. 1ª ed. Rio de Janeiro. 2020. (pág 102 – 108)
- CEREZER, Osvaldo Mariotto; GUIMARÃES, Selva. “Professores de história iniciantes: entre saberes e práticas.” Londrina. 2015.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. “Caminhadas pela cidade”. p 169-182. Petrópolis. Editora Vozes, 3ª edição, 1998.
- COSTA, Valeria; GOMES, Flavio. Religiões negras no Brasil da escravidão após à emancipação. Rio de Janeiro. Ed. Selo Negro, 2016.

DIAS, Gabriela Torres. “O Intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950). Dissertação de mestrado. 2018.

FENELON, Dea Ribeiro. “A formação do profissional de história e a realidade do ensino.” Paraíba. Ed Revista Projeto histórico. 1982.

GORENDER, Jacob. Brasil em Preto & Branco. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

IMAGEM. “Casal de ex-escravos de mãos dadas”, Porto Alegre, 1900. Disponível no acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

MATTA, Roberto da. O que faz do Brasil, Brasil? “A casa, a rua e o trabalho” “O modo de navegação social: a malandragem e o jeitinho” p 93-106. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p 21-34.

NOVAES, A. Fernando. História da Vida Privada no Brasil Volume 3: “República da Belle Époque à Era do Rádio.” Pág. 131-214 / 289-366

RAFAEL, Ulisses Neves. Xangô rezado baixo: religião e política na primeira república. São Cristóvão: Editora UFS; Maceió: Edufal, 2012.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, M.

SALVARI, Fábio - Recife, Formando cidadãos - Manual de história para o ensino fundamental. São Paulo. Ed. SM. 2017

SENA, Sandra Catarina de. “São quase todos pretos”: cotidiano e experiência da classe trabalhadora em Maceió pós abolição. Maceió, PPG em História UFAL, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o Autoritarismo Brasileiro. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TENORIO, Douglas Apratto. Metamorfose das Oligarquias. “Alagoas no alvorecer do século XX” p19-38. “A longa era dos Malta” p 73-88. Maceió: EDUFAL, 2009.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História Geral e do Brasil. 2 edição. São Paulo: Ed. Scipione, 2013.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História Geral e do Brasil. 3 edição São Paulo: Ed. Scipione, 2013.

- Introdução – História do Ensino de História (slides) - Lídia

- SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C. (orgs.) Apresentação. In: O que é Educação Histórica. Vol 1. Coleção Ed. Histórica. Curitiba: W. A. Editores, 2018.

- BARCA, I. Educação Histórica: uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras. História. Porto, III Série, vol. 2, 2001.

Ivor Goodson - Currículo, narrativa e futuro social

BAUMGARTEN, Lídia. História, uma disciplina sob suspeita. Vol 1. Curitiba. CRV Editora. 2020.

LEE, Peter. Colocando os princípios em prática: entendendo a história. In: BRANSFORD, J.D .; DONOVAN, M. S. (Eds.). Como os alunos aprendem: história, matemática e ciências no Sala de aula. Washington, DC: National Academy Press, 2005.

BARCA, Isabel. Perspectivas em Educação Histórica. Vol 5. Série Actas. 2001.

Cainelli, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental. Curitiba, Especial, p. 57-72. Editora UFPR. 2006

Lindamir Zeglin Fernandes. A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Ed. Histórica.

GAGO, Marília. Opinião, Ponto De Vista E Perspectiva - A Construção Da Narrativa

Histórica E As Questões De Objetividade/Verdade Em História. ISSN: 2177-5648. OPSIS (Online), Catalão-GO, v. 20, n. 1, 2020

Fronza, Marcelo; Schmidt, Maria Auxiliadora. Consciência Histórica e Interculturalidade, Investigações em Educação Histórica. W.A. Editores. Curitiba. 2016.

Além do material disponibilizado nos seguintes sites:

<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/NGwM4fhVhW4rhdnTNXZhpmm/?lang=pt>

<https://jus.com.br/artigos/65963/sindicalismo-e-direitos-sociais-no-regime-militar-1964-1985>

<https://jus.com.br/artigos/85945/ao-defender-brilhante-ustra-o-vice-mourao-na-verdadeo-desmentiu>

<https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/05/1973-as-criancas-abusadas-e-mortas-daera-medici/>

Documentários e filmes:

"O dia que durou 21 anos" [youtu.be/4ajnWz4d1P4](https://youtu.be/4ajnWz4d1P4)

"Cidadão Boilesen" [youtu.be/yGxIA90xXe](https://youtu.be/yGxIA90xXe)

"Jango" [youtu.be/1O4SZQZ-ikk](https://youtu.be/1O4SZQZ-ikk)

"Dossiê Jango" [youtu.be/Ic8jfNmTXNE](https://youtu.be/Ic8jfNmTXNE)

"Marighella" [youtu.be/7Mw386dVhcY](https://youtu.be/7Mw386dVhcY)

"Vlado" [youtu.be/pB8XCSwyOeU](https://youtu.be/pB8XCSwyOeU)

"Hércules 56" [youtu.be/Eo4DmmQKjRk](https://youtu.be/Eo4DmmQKjRk)

"Oitenta Anos de Resistência" [youtu.be/OXHhuEAuSmg](https://youtu.be/OXHhuEAuSmg)

"Lamarca" [youtu.be/Wy1g8kRMD5Q](https://youtu.be/Wy1g8kRMD5Q)

"O que é isso, companheiro?" [youtu.be/05rc2CfE0n0](https://youtu.be/05rc2CfE0n0)

"Zuzu Angel" [youtu.be/TUv1BTLBSBQ](https://youtu.be/TUv1BTLBSBQ)

"O ano em que meus pais saíram de férias" [youtu.be/S7csvGiocLc](https://youtu.be/S7csvGiocLc)

"Araguaya conspiração do silêncio" [youtu.be/9eFpuemaT7U](https://youtu.be/9eFpuemaT7U)

"Pra Frente Brasil" [youtu.be/6mDZOFECKwI](https://youtu.be/6mDZOFECKwI)

"Batismo de Sangue" [youtu.be/DbSu4VLxe48](https://youtu.be/DbSu4VLxe48)

"Tempo de Resistência" [youtu.be/7o8z0L7t6pw](https://youtu.be/7o8z0L7t6pw)

"Linha de Montagem" [youtu.be/svh-lGcSDmU](https://youtu.be/svh-lGcSDmU)

"Perdão, mister Fidel" [youtu.be/xv0SFgf4iDE](https://youtu.be/xv0SFgf4iDE)

[https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955?ocid=socialflow\\_facebook](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955?ocid=socialflow_facebook)

<http://memoriasdaditadura.org.br/>

ANEXOS:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTE

JOSÉ FELIPE MOURA DA ROCHA

## RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Relatório apresentado à disciplina de Estágio Supervisionado I, como exigência parcial para a aprovação, sob orientação da Prof. Dr Antônio Bezerra.

Maceió-Alagoas, 19 de fevereiro de 2020

### SUMÁRIO

1. Introdução
2. Dados da Escola
3. Aspectos gerais
  - 3.1 Estrutura física
  - 3.2 Corpo Docente
  - 3.3 Corpo Discente
  - 3.4 Equipe Gestora
  - 3.5 Observações gerais e análise referentes ao Planejamento Escolar e Projeto Político Pedagógico

- 3.6 Observações gerais e análise das questões referentes à Gestão Escolar
4. Avaliação Diagnóstica
5. Projeto/Aula (Descrever o processo de construção do Projeto/Aula)
6. Dificuldades
7. Considerações finais (**Aspectos observados, conclusões e análise do Estágio, inquietações e possíveis encaminhamentos**).
8. Referências
9. Anexos (Planos de Aula)

Observações:

- Anexar o Ofício de solicitação de estágio no relatório.
- O relatório deverá ser entregue até o dia da socialização do estágio.

## 1. INTRODUÇÃO

O estágio foi realizado na escola municipal prefeito Edival Lemos. Uma escola periférica, que lida com crianças e adolescentes de baixa renda.

O estágio iniciou em 21 de outubro de 2019, terminando em 19 de dezembro de 2019, na turma do 7º ano, na matéria de história, com o objetivo de me permitir observar e aprender a respeito da prática na sala de aula, suas metodologias e as diferentes personalidades dos alunos, me fazendo notar que cada metodologia é importante, pois atinge os alunos de maneira distinta.

## 2. DADOS DA ESCOLA

Escola Municipal Prefeito Edival Lemos Santos, localizada na Avenida São José, sem número, no bairro da Poeira, Marechal Deodoro-Alagoas.

A escola é de 1977 e a origem do nome é uma homenagem a um ex prefeito da cidade, assassinado em praça pública. Durante muitos anos, no mesmo prédio funcionava a escola Audifax Omena de Almeida a noite e a escola Edival Lemos pela manhã. Ficando com o prédio apenas para a escola Edival a partir de 1999.

## 3. ASPECTOS GERAIS:

### 3.1 ESTRUTURA FÍSICA:

O prédio da escola é todo em alvenaria e foi construído para seu funcionamento. Recentemente passou por uma reforma para ficar mais moderno, porém não tem adaptação para pessoas com necessidades especiais, apesar de atender às necessidades da escola. Os banheiros são adaptados e tem vasos sanitários e chuveiros adequados, como também bebedouro o suficiente para todos.

A escola contém térreo e primeiro andar, sendo 18 salas de aula no total, um pátio para livre recreação e um refeitório, onde os alunos comem a merenda todos os dias, variando esta entre macarronada, canja, raízes e sempre proteína e suco. As aulas de educação física acontecem numa quadra de esportes coberta, cedida à escola.

A escola possui uma sala para direção, orientador educacional, biblioteca, coordenação pedagógica e sala dos professores.

### 3.2 CORPO DOCENTE:

A escola é formada por 61 docentes, sendo 33 nomeados e 28 contratados.

### 3.3 CORPO DISCENTE:

Estão matriculados na escola 944 alunos, estando 475 no ensino infantil e 469 no ensino fundamental.

### 3.4 EQUIPE GESTORA:

A equipe gestora é composta por um diretor, uma vice diretora e três coordenadoras pedagógicas.

### 3.5 OBSERVAÇÕES GERAIS E ANÁLISE REFERENTES AO PLANEJAMENTO ESCOLAR E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO:

O planejamento escolar, assim como o PPP (que ainda está sendo construído), é feito em conjunto com gestores, docentes e os componentes do conselho escolar, buscando resultados positivos, entrando em consenso com o conhecimento prático de todos os funcionários, seus planos de aula e de avaliação, para que haja uma organização didática do processo de ensino destinado a cada turma, considerando a comunidade na qual a escola está inserida, a característica dos alunos que fazem parte daquele ambiente escolar, buscando atingir objetivos satisfatórios, para a formação dos mesmos.

### 3.6 OBSERVAÇÕES GERAIS E ANÁLISE DAS QUESTÕES REFERENTES À GESTÃO ESCOLAR:

A gestão escolar busca a todo instante construir uma escola democrática, um espaço onde os alunos têm a chance de construir um pensamento crítico, de dialogar, de ir contra o sistema que crê que eles serão formados apenas para serem subservientes.

## 4. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA (a avaliação completa está em anexo)

A escola é localizada num bairro periférico, em virtude disso, a comunidade que a rodeia tem problemas sociais que refletem no ambiente escolar, sejam eles o consumo de drogas por parte dos alunos ou o quadro de gravidez na adolescência, além da violência que assombra não apenas as regiões mais pobres como todo o nosso estado.

Em meio a tantas conturbações, os alunos encontram na escola a esperança de uma vida melhor, os professores se empenham para passar conteúdo de uma melhor maneira, tornando

muitas vezes as aulas mais dinâmicas, para que atraia a atenção dos jovens que ali estudam, possibilitando a eles uma melhor compreensão da matéria.

A escola tem uma boa estrutura, foi reformada recentemente, tem salas climatizadas, cadeiras confortáveis, quadro branco, data show e aparelho de som, refeitório para os alunos comerem merenda que funciona diariamente, sendo deficiente apenas na adequação do espaço para pessoas com necessidades especiais.

A aula de história e a maneira como o professor José Moura conduziu repasse de conteúdo é bastante eficaz, trazendo bons frutos que podem ser notados na compreensão dos alunos, além do senso crítico desenvolvido neles.

#### 5. PROJETO/AULA (descrever o processo de construção do projeto/aula)

O professor me forneceu o livro didático que será utilizado em sala de aula durante o período e eu, através da experiência que tive de regência durante o PIBID, incluí a metodologia áudio visual e com atividades que atraíam a atenção dos alunos, fazendo quiz, passando cruzadinhas, caça palavras, filmes, debatendo o conteúdo, incentivando eles a criarem paródia, para que com isto, o conteúdo se fixe de forma mais fácil na mente dos alunos, melhorando o seu aprendizado. A metodologia de aula que eu pretendo utilizar é que seja inclua os discentes na aula.

#### 6. DIFICULDADES

As maiores dificuldades encontradas é utilizar os materiais contidos na escola como data show, som, pois por ter em pouca quantidade fica difícil possibilitar que todos os professores possam utiliza-lo com frequência.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS (Aspectos observados, conclusões e análise do Estágio, inquietações e possíveis encaminhamentos).

O estágio foi mais uma oportunidade para que eu tivesse contato com a sala de aula, notando que as dificuldades variam de acordo com a escola, nos fazendo observar as atribulações que uma escola tem e também as melhores maneiras para nos sobressairmos.

A experiência do estágio mais do que um contato com alunos e o ambiente escolar, ela nos permite aprender na prática como lidar com os alunos, como agir e como lecionar de uma maneira que os incentive a querer aprender mais.

## 8. REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz & Terra, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTE

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Marechal Deodoro, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTE

JOSÉ FELIPE MOURA DA ROCHA

## RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Relatório apresentado à disciplina de Estágio Supervisionado II, como exigência parcial para a aprovação, sob orientação da Profa. Dra. Lídia Baumgarten.

Marechal Deodoro 20 de fevereiro de 2020.

### SUMÁRIO

1. Introdução
2. Dados da Escola
3. Aspectos gerais
  - 3.1 Estrutura física
  - 3.2 Corpo Docente
  - 3.3 Corpo Discente
  - 3.4 Equipe Gestora

3.5 Observações gerais e análise referentes ao Planejamento Escolar e Projeto Político Pedagógico

3.6 Observações gerais e análise das questões referentes à Gestão Escolar

4. Avaliação Diagnóstica

5. Projeto/Aula (Descrever o processo de construção do Projeto/Aula)

6. Dificuldades

7. Considerações finais (**Aspectos observados, conclusões e análise do Estágio, inquietações e possíveis encaminhamentos**).

8. Referências

9. Anexos (Planos de Aula)

## 1. INTRODUÇÃO

O estágio 2 foi realizado na escola municipal prefeito Edival Lemos. A escola se encontra numa região periférica e atende crianças e adolescentes de baixa renda que residem no próprio bairro e nas suas redondezas.

O estágio iniciou em 13 de novembro de 2019, terminando em 20 de fevereiro de 2020, na turma do 6º ano, na matéria de história, com o objetivo de realizar regências para poder fazer

uso da prática na sala de aula, suas metodologias e compreender através da experiência adquirida sobre as diferentes formas de aprendizado dos alunos.

## 2. DADOS DA ESCOLA

A Escola é Municipal e se chama Prefeito Edival Lemos Santos, localizada na Avenida São José, sem número, no bairro da Poeira, na cidade de Marechal Deodoro-Alagoas.

O nome atribuído à escola é uma homenagem ao prefeito Edival Lemos Santos que tragicamente foi morto em praça pública. O prédio foi fundado em 1977, mas só se tornou a escola Edival Lemos Santos em 1999, pois por muitos anos, no mesmo prédio funcionava a escola Audifax Omena de Almeida a noite e a escola Edival Lemos pela manhã.

## 3. ASPECTOS GERAIS:

### 3.1 ESTRUTURA FÍSICA:

O prédio da escola foi reformado recentemente para atender às necessidades da escola, mas não possui ainda adaptação para pessoas com necessidades especiais. Ele é todo em alvenaria, com banheiros adaptados, refeitório onde é servido diariamente merenda aos alunos, bebedouro, pátio para recreação e quadra de esportes para as aulas de educação física.

A escola contém térreo e primeiro andar, sendo 18 salas de aula no total, uma sala para direção, orientador educacional, biblioteca, coordenação pedagógica e sala dos professores.

### 3.2 CORPO DOCENTE:

Formada por 61 professores, a escola tem 33 nomeados e 28 contratados.

### 3.3 CORPO DISCENTE:

Estão matriculados na escola 944 alunos, estando 475 no ensino infantil e 469 no ensino fundamental.

### 3.4 EQUIPE GESTORA:

A equipe gestora é composta por um diretor, uma vice diretora e três coordenadoras pedagógicas.

### 3.5 OBSERVAÇÕES GERAIS E ANÁLISE REFERENTES AO PLANEJAMENTO ESCOLAR E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO:

O projeto político pedagógico ainda está em construção, sendo feito com a participação de todos os funcionários, professores, gestores, alunos e conselho escolar como um todo. Da mesma forma, o planejamento escolar é construído, pois esta é a maneira que a escola encontrou de fazer uma gestão democrática, capaz de atingir resultados positivos, de atender às necessidades da comunidade e permitir que a escola seja um ambiente onde há diálogos, debates e contribui na formação do pensamento crítico das pessoas. Desta mesma maneira é criado o plano de aula e a avaliação, para que haja uma organização didática do processo de ensino destinado a cada turma.

### 3.6 OBSERVAÇÕES GERAIS E ANÁLISE DAS QUESTÕES REFERENTES À GESTÃO ESCOLAR:

A gestão escolar busca a todo instante construir uma escola democrática, ouvindo a todos, buscando o diálogo, contribuindo para a formação de qualidade dos alunos.

## 4. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA (a avaliação completa está em anexo)

Localizada no bairro Poeira na cidade de Marechal Deodoro a escola municipal Prefeito Edival Lemos atende ao público do fundamental II e EJAII em dois turnos, manhã e tarde, contendo 18 salas de aula, todas climatizadas, 101 funcionários. Os alunos em sua maioria moram nos bairros adjacentes a escola, mas ainda sim a prefeitura assegura o serviço de transporte escolar.

A escola possui um quadro completo de professores e consegue atender a demanda curricular do ensino fundamental II. A cozinha da escola funciona todos os dias, as refeições variam de macarronadas, biscoitos e raízes com proteína, sendo todas as refeições acompanhadas de sucos.

A unidade tem um histórico de alunos envolvidos em episódios de violência, uso de drogas, porte de arma e gravidez na adolescência, fato que pode ser entendido como reflexo das comunidades atendidas pela escola, que carecem de atenção por parte do poder público.

O quadro de professores é composto por efetivos e monitores, sendo os monitores maioria. Porém existe, no mínimo, um professor efetivo pra cada disciplina. Também possui porteiro durante os turnos de funcionamento.

As aulas de história são satisfatórias. Acredito que o único ponto que poderia ser acrescentado nas aulas é a inclusão de passeios, até mesmo pela cidade, que por ser histórica é rica de conteúdo.

#### 5. PROJETO/AULA (descrever o processo de construção do projeto/aula)

Aproveitei a oportunidade para utilizar o que me é ensinado na sala de aula, além da minha experiência no programa de iniciação à docência (PIBID) que participei por 9 meses. Através disto, no intuito de tornar a aula mais dinâmica, utilizei data show, mapa, quis e estimulei o debatendo sobre o conteúdo, trazendo também o ensinamento de história dentro da história de vida de cada um.

#### 6. DIFICULDADES

As dificuldades variam conforme a realidade do aluno, que muitas vezes chega na sala de aula desmotivado em virtude da falta de perspectiva que existe na sua vida.

#### 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível que com aulas que incluam as histórias dos alunos e façam com que eles percebam que a história de vida deles também faz parte da história, o interesse deles pela matéria aumente, já que eles conseguem se enxergar como parte daquilo que estão lendo e não ver a história como algo distante da realidade deles.

## 8. REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria, *Ensino de História*;

CAIMI, Flávia Eloisa, *O que precisa saber um professor de História, 2014/2015*;

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz & Terra, 1992.

GUIMARÃES, Selva, *Didática e Prática de Ensino de História*;

SCHMIDT, M.A. *A formação do professor de história*. In: BITTENCOURT, C. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

HISTÓRIA LICENCIATURA

JOSÉ FELIPE MOURA DA ROCHA

## **RELATÓRIO DE ESTÁGIO 3**

Maceió, Alagoas.

2021.

**JOSÉ FELIPE MOURA DA ROCHA**

## **RELATÓRIO DE ESTÁGIO 3**

Trabalho apresentado ao curso de História-Licenciatura, da Universidade Federal de Alagoas, para a disciplina de Estágio 3, ministrada pelo Professor Antônio Bezerra, para obtenção de nota.

Maceió, Alagoas.

2021.

### **RELATÓRIO**

#### **INTRODUÇÃO**

As aulas da disciplina Estágio 3 foram ministradas pelo professor Antônio Bezerra, na forma de ensino remoto, através do Google Meet, tinham duração de uma hora (das 18 às 19h), às segundas-feiras. O início das aulas foi no dia 19 de fevereiro de 2021, onde o professor

passou seu plano de ensino. A organização das aulas se deu através do plano de aula que foi repassado para os alunos. As aulas eram realizadas com debates entre alunos, além da mediação e orientação feitos pelo professor. Através do AVA, o professor nos enviava textos que deveriam ser lido por nós nos dias que antecedessem a aula, para que fosse possível a discussão sobre o mesmo.

Os alunos, de modo geral, participaram da aula de maneira produtiva, apesar das adversidades impostas por aulas remotas. Acontecendo de maneira remota, o aprendizado requer um pouco mais de esforço, já que dentro de casa várias coisas podem distrair e tirar você do foco, porém, mesmo em meio às dificuldades, eu consegui compreender bem os conteúdos debatidos durante as aulas.

A minha participação, dentro das minhas condições, foi significativa. Busquei ler os textos e participar das aulas, mesmo em meio a tantos problemas (pessoais, de conexão com internet, de quebra de notebook, de celular mediano). Apesar de tantos obstáculos, eu tentei e me esforcei bastante para compreender o que estava sendo debatido, absolver as informações, dialogar a respeito dos conteúdos. Creio que, de certo modo, foi positivo o meu aprendizado.

A maior diferença entre o ambiente remoto e o físico está justamente no contato, na facilidade para que, nos corredores da UFAL, possamos tirar dúvidas com o professor, discutir um pouco mais com os colegas sobre os temas após o final das aulas, além de não termos que precisar da internet, que pode cair a qualquer momento. Por mais que o ambiente remoto permita que dúvidas sejam sanadas, de certa forma, é restrito o acesso ao professor e aos outros alunos.

As aulas tiveram início com o texto de Déa Ribeiro Fenelon, intitulado “A formação do profissional de história e a realidade do ensino”. O texto trata de questões sobre como estão sendo realizada a formação dos profissionais de história. A autora se refere a um ciclo vicioso criado desde a educação de base e que perdura durante a graduação, formando professores que farão “mais do mesmo”, igual aos seus professores. Ou seja, um ciclo interminável, onde permite a consolidação de uma estrutura de dominação social. O aluno vai pra sala de aula, aprende aquele conteúdo da matéria, faz as provas, o professor pouco lhe instiga a raciocinar a respeito de sua condição, a respeito daquele fato histórico estudado, não despertando a criticidade do aluno. O estudante da graduação aprende metodologias e técnicas de ensino para transmitir o conteúdo do livro didático pra o seu aluno. Déa critica justamente essa conduta e

durante as aulas foi debatido justamente esses pontos, buscando encontrar maneiras de quebrar esse ciclo, de melhorar as aulas, de possibilitar a construção da criticidade histórica.

Na aula seguinte, tivemos acesso ao texto “professores de história iniciantes: entre saberes e práticas”, do Osvaldo Mariotto Cerezer e Selva Guimarães. Neste texto os autores nos mostra alguns aspectos que eles consideram importantes na vida do professor que está começando a carreira através de um estudo feito usando a história oral. Eles entrevistam professores de história que estão começando e fazem uma análise a respeito das dificuldades enfrentadas por eles no início das suas carreiras, observando que ainda é preciso maiores investimentos durante a formação do profissional para que este consiga chegar na sala de aula melhor preparado, sem as incertezas que os cercam, sem os receios de enfrentar as adversidades do meio escolar. Durante a aula, pudemos fazer discussões a respeito desse tema, conversando sobre essas dificuldades encontradas e mostrando meios que possam melhorar esse início de carreira.

Passado esse momento, discutimos a respeito do texto da Flávia Eloisa Caimi (o que precisa saber um professor de história) onde pudemos perceber que para ensinarmos história precisamos não apenas sabermos sobre história, mas também sabermos sobre a realidade dos alunos pra quem vamos lecionar. Claro que é preciso dominar os saberes que iremos mediar, mas também é preciso ter conhecimento sobre os saberes do aprender, ou seja, os professores reconhecerem quem são os que aprendem, para então utilizar os métodos que possibilitem o aprendizado.

A partir do dia 29 de março, iniciamos a apresentação do texto de Graham Butt, sobre o planejamento de aulas bem sucedidos. Eu fiquei responsável por apresentar junto com meu colega Tiago da Silva, os capítulos 3 e 4, porém, ele não pôde participar nesse momento. O capítulo 4 foi apresentado juntamente com o professor orientador da matéria Antônio Bezerra. O texto nos fala basicamente de como planejarmos uma aula, levando em conta o que o professor acha que é importante pra o aluno aprender, quais os métodos que ele vai utilizar, o tempo que ele vai usar para dar esse conteúdo, a capacidade do aluno que irá aprender, pois compreendendo esses pontos, mais facilmente se chegará ao êxito no aprendizado dos alunos nas aulas de história.

O capítulo apresentado por mim (planejamento e diferença entre os alunos) expõe justamente a questão das aptidões dos alunos que irão aprender aquele conteúdo, fazendo com

que compreendamos a importância de entender essa questão para pensar na melhor maneira de elaborar a aula. Notar a diferença entre os melhores meios que um aluno compreende um assunto não é fácil, já que numa turma são muitos alunos e os métodos também são variados, mas conseguir perceber isso torna tudo mais simples, já que encontrar um método em comum ou usar métodos distintos de aprendizado pode atingir um maior número de alunos, fazendo com que a transmissão do conteúdo ocorra de uma forma bem sucedida. Para o autor, muitas são as habilidades do ser humano em desenvolvimento, algumas mais aguçadas que outras e são elas: intrapessoal, interpessoal, linguística, corporal cinestésica, musical, espacial, lógico-matemática. Cabe ao professor identificar as inteligências específicas e ir utilizando os melhores métodos conforme os assuntos que será abordados. O capítulo 4 nos mostrou a importância de planejarmos bem uma aula, já levando em consideração os problemas que podem surgir no método escolhido e tendo sempre outras opções para utilizar, além de manter em dia e organizado o diário de classe.

O seminário seguiu com a apresentação dos alunos Dyandra e Tiago a respeito dos capítulos 5, 6 e 7, que falam sobre como gerir uma classe, qual a melhor maneira de dar início às aulas, preocupando-se também em dar uma aula com início, meio e fim. Com o objetivo de melhor manter a organização a respeito dos planos de aula, é necessário que seja mantido uma rotina e um planejamento sobre como é a sala de aula e quais os recursos podem ser utilizados para otimizar as aulas.

Após a apresentação dos seminários o professor orientador nos ajudou sobre como criarmos nosso próprio plano de aula, que deverá ser utilizado em algum momento oportuno. A respeito desse plano de aula, nos foi passadas orientações a respeito da elaboração e também discussões sobre quais os melhores métodos que cada profissional gosta de utilizar, porquê. A ideia inicial era que nossos planos de aula fossem apresentados na aula seguinte, mas pela correria por causa dos prazos, ficou decidido que apenas entregaríamos através do email.

A partir do dia 23 de abril nos foi disponibilizados no AVA textos sobre “ser negro no Brasil”, “o uso dos eixos temáticos nas aulas de história”, os textos nos ajudaram a refletir a respeito de como elaborarmos o nosso projeto temático. São contribuições dos historiadores Antonio Bezerra e Elizabeth Biaconcini para o livro Ensino de História e Etnicidades. O texto que tratava do negro, de Antônio Bezerra, abrange temas como racismo estrutural, dignidade da pessoa humana e a inserção do estudo sobre o negro no conteúdo didático, uma maneira de incentivar o aprendizado a respeito de todas as dificuldades impostas pela sociedade a pessoas

de cor escura, como o preconceito cria a desigualdade social entre negros e brancos, porquê estudar e dar aula a respeito desse tema. O texto nos mostra a relevância de tal conteúdo num país racista como o Brasil. Além dos textos que serviriam como auxílio, foi enviado para o AVA um roteiro, orientando como deveria ser feito um projeto temático e que este projeto deveria ser enviado por email além de apresentado na aula do dia 24 de maio.

Depois das apresentações sobre o projeto temático de cada aluno, nos foi enviado um modelo para realizarmos o relatório final, para que pudéssemos fechar a nota.

### **3- Propostas de ações didáticas:**

#### **PLANO DE AULA ESTÁGIO 3**

#### **IDENTIFICAÇÃO**

**Professor:** José Felipe Moura da Rocha

**Ano/Série:** Estudantes do Ensino Fundamental – 7º ano

**Idade aproximada dos estudantes:** Entre 11 e 14 anos

**Conceito Substantivo:** Quebra de Xangô

**Conceitos Epistemológicos/2ª Ordem:** Explicação, Interpretação e Empatia Histórica.

#### **OBJETIVOS**

##### **GERAL:**

- Analisar o contexto social, político e econômico em que o Brasil se encontrava no ano de 1912, como se deu este movimento de intolerância religiosa em Alagoas, especificamente em Maceió, movimento o qual ocasionou a destruição de terreiros e perseguição de adeptos de religiões de matriz africana.

##### **ESPECÍFICOS:**

- Apresentar para os alunos um conhecimento prévio do que foi o quebra de xangô

- Analisar o contexto social da época
- Levantar questões sobre o preconceito religioso do momento ocorrido com alusões aos dias de hoje, mesmo depois de cem anos passado.

## **CONTEÚDO E CRONOGRAMA DE AULA**

### 1º Encontro – (2 h/a)

- A aula será feita de maneira expositiva, mostrando a riqueza da religião, seus antecedentes, a maneira como chegou ao Brasil destacando o choque cultural com o cristianismo, podendo ser apontado mediante este contexto o movimento da liga dos republicanos combatentes

### 2º Encontro: (2h/a)

Falar sobre as consequências do Quebra de Xangô, sobre o Xangô rezado baixo, expor questões atuais sobre a intolerância religiosa e passar um vídeo de Siloé Amorim.

### 3º Encontro: (2h/a)

Realizar debates sobre o que foi compreendido a respeito de intolerância religiosa, sobre casos atuais, racismo e também passar um questionário com perguntas a respeito do conteúdo do Quebra de Xangô.

## **METODOLOGIA (Linguagens e recursos didáticos)**

Metodologia, utilizando métodos áudio visuais, fazendo usos de músicas, vídeos que mostrem a respeito da religião/cultura afro brasileira.

## **AValiação**

Os alunos serão avaliados no decorrer das aulas, através das participações nos debates e realização das atividades propostas. Além disso, solicitaremos que eles tragam imagens sobre a religião de matriz africana e relatar sobre o preconceito vivenciado nos dias de hoje, que eles já viram ou até que sentiram.

## **FONTES HISTÓRICAS**

- Fotografias
- Vídeos
- Textos/Capítulos

## **REFERÊNCIAS**

Livro: religiões negras no Brasil da escravidão após à emancipação/ Valeria Costa e Flávio Gomes

Dissertação de mestrado: GABRIELA TORRES DIAS “O Intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950).

Livro: RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a. p. 51-78.

### **3.1- Proposta de ações didáticas 2**

#### **UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**

ICHCA - Departamento de História – Curso de Licenciatura

Disciplina: Estágio 3

Professor Antônio Bezerra

Data: 02/05/2021

Aluno: José Felipe Moura da Rocha

#### **PROJETO TEMÁTICO**

#### **TEMA: BRASIL, PRIMEIRA REPÚBLICA.**

O projeto temático será apresentado na turma do 9º ano do ensino fundamental 2, na matéria de história, para alunos de 14-15 anos.

O tema é o que marca o início do processo de urbanização, a falta de saneamento básico, a questão das vacinas, o racismo estrutural e a intolerância religiosa, fazendo com que os alunos possam compreender o passado, mas também associar com as questões do presente, fazendo-os ver que tudo está interligado e que as decisões tomadas lá atrás refletem diretamente na vida da sociedade atual.

Por meio deste Projeto Temático, a partir da delimitação cronológica da transição entre o Império e a República no Brasil, contemplando de modo geral os conceitos substantivos do Golpe da República, a República das Espadas e a República Oligárquica/República do Café-com-Leite), será realizado um esquema de aulas que facilite o sequenciamento didático e a compreensão dos alunos a respeito do tema.

Os conceitos epistemológicos mais contemplados de modo geral serão a empatia, a explicação, a interpretação histórica e consciência crítica, que são indissociáveis entre si e inerentes à própria aula histórica.

Através da sequência didática estabelecida, espero poder suscitar reflexões dos alunos de posse dos conteúdos ministrados, com objetivo mister da formação de uma consciência crítico-genética, demasiado estudada por Jörn Rüsen, onde os discentes possam compreender situações passadas para entender conjunturas do presente. Este processo necessita da construção de uma orientação temporal que guie a transformação de formas tradicionais de pensamento para modos genéticos, mais orgânicos e fluidos, de sistematizar conhecimento e reinterpretarções.

De tal modo, será seguido uma ordem cronológica dos conceitos substantivos inseridos no intervalo de tempo delimitado com o conteúdo Pós Abolição no Brasil: transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Este conteúdo será dado em duas aulas, pretendendo abordar não apenas a passagem de modos de produção, mas fazer com que os alunos compreendam que a não inserção plena dos negros libertos na sociedade justifica diversas heranças do escravismo, observadas frequentemente no cotidiano, como o racismo e a marginalização em geral da população negra.

A terceira e a quarta aula, falará a respeito das reformas urbanas e a ressignificação do espaço público no início do século XX, abordando as reformas urbanas ocorridas no início do século XX, inicialmente numa perspectiva macro e posteriormente numa realidade local. A

ideia é realizar uma discussão em sintonia com temas abordados nas aulas anteriores (relações étnico-raciais e cotidiano), observando como as propostas de homogeneização urbana foram aplicadas e as consequências para o contexto da formação social e cultural de Alagoas, principalmente, quando se refere a apropriação do espaço público e noção de patrimônio.

Na quinta e sextas aulas, serão abordados temas mais específicos, tratando das revoltas populares na república velha. Por meio desse conteúdo, será explicado a importância das transformações do mundo republicano, como as revoltas que se formavam nas cidades, as manifestações urbanas, e o quanto isso colaborou para o crescente processo de urbanização. Sem deixar de ressaltar as revoltas, sobretudo, a revolta da vacina ocorrida em 1904 que, com a aprovação do legislativo, passou a ser obrigatória contra a varíola, doença que amedrontava na época. Hoje, a vacina é um dos assuntos mais discutidos no mundo, não por causa da varíola, mas por várias doenças que surgiram ao longo do tempo. Um dos principais objetivos da apresentação dessa temática, é fazer com que o estudante compare os acontecimentos do passado, com os do presente, e quais suas perspectivas para o futuro.

A duas últimas aulas seria sobre o Quebra de Xangô, já que a intolerância religiosa é algo corriqueiro no nosso cotidiano. De acordo com o tema abordado, partiremos do pressuposto do Quebra de Xangô ocorrido em 1912, que apesar de ter se passado mais de cem anos, é bastante presente em nossa sociedade. Será abordado questionamentos a respeito de pensamentos preconceituosos como uma manifestação dessa intolerância. Para abrir o leque de pensamento dos alunos buscarei despertar a criticidade dele, abordando aspectos políticos, econômicos e sociais.

## **CRONOGRAMA DAS AULAS**

### **BRASIL, PRIMEIRA REPUBLICA**

#### **AULAS 1 E 2**

#### **Conceito Substantivo: Pós Abolição no Brasil**

**Conceitos Epistemológicos/2ª Ordem:** Nesse encontro os discentes serão estimulados a refletirem sobre a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, fugindo da visão positivista do senso comum. Sendo assim, o intuito é desenvolver noções de empatia, como também fazer uma interpretação histórica.

## OBJETIVOS

GERAL: compreender como ocorreu o processo de transição do trabalho escravo – mediante a abolição da escravidão em 1888 – para o trabalho livre, com cenário no início da experiência republicana brasileira.

### ESPECÍFICOS:

- Planejar aula-oficina com o objetivo de suprir as carências de orientação e interpretação dos estudantes.
- Compreender o que é a escravidão, diferenciando a escravidão moderna vigente no Brasil, da escravidão antiga.
- Entender o que se classifica como trabalho livre, e como o abolicionismo inglês tinha interesses voltados exclusivamente à obtenção de mercado consumidor.
- Situar os alunos na realidade social dos libertos, inclusive em Alagoas.
- Problematizar a forma de como não ocorreu uma inserção plena da população negra na sociedade.
- Refletir sobre a herança da escravização; o racismo e a marginalização de pessoas negras.

### 1º Encontro – (2h/a)

Neste encontro será investigado o conhecimento prévio dos alunos, serão elencadas perguntas como:

- Como vocês acham que ocorreu a abolição?
- Como vocês acham que ficou a população negra no pós-abolição?
- Vocês acham que já superamos a escravização ou ainda existem resquícios dela na atualidade?

Todas as questões deverão ser expostas em sala de aula.

Após os questionamentos, será feita a exposição de conceitos com base em autores da própria historiografia, e também de livros didáticos: escravidão, assim como a distinção entre escravidão moderna e escravidão antiga, e trabalho livre, tendo como referencial primordial o interesse inglês em obter mercadorias. Utilizando das já citadas definições prontas e de esquemas expositivos, serão reconstruídos coletivamente com os alunos esses mesmos conceitos, para garantir o protagonismo destes, trazer para a sala de aula (com as devidas adaptações) a linguagem acadêmica, e valorizar suas participações na aula.

Para causar um conflito com as pré-noções dos alunos, serão apresentadas imagens do período de pós abolição. O principal objetivo dessa aula é compreender a diferença entre trabalho livre e trabalho escravo e como essa transição ocorreu (e ainda ocorre) em passos lentos.

#### METODOLOGIA (Linguagens e recursos didáticos)

A aula será realizada de modo expositivo (utilizando slides para reafirmar conceitos), com um enfoque interativo, que possibilite definir juntamente aos alunos os dois conceitos primordiais do conteúdo (trabalho escravo e trabalho livre), para poder então explicar a realidade social dos libertos inclusive em nosso estado, onde será recorrente o uso de imagens.

Será utilizada projeção de slides com esquemas explicativos, conceitos retirados de livros, além de um espaço para criação de conceitos com os alunos.

No decorrer da aula os estudantes devem organizar anotações com suas pré-noções e noções adquiridas através das aulas. Esse material será utilizado para fazer uma comparação e assim evidenciar se conseguiram construir um novo conhecimento. É importante que eles reconheçam que houve uma alteração em seus conhecimentos (ultrapassando o senso comum), por meio do processo de metacognição.

#### **AULAS 3 e 4**

##### **Conceito Substantivo: Primeira República, História de Alagoas.**

**Conceitos Epistemológicos/2ª Ordem:** Análise documental, Perspectivas Macro e Micro histórica, Percepção de passado e presente, relações do cotidiano, relações étnico-raciais e apropriação dos espaços públicos.

## OBJETIVOS

GERAL: Possibilitar uma reflexão acerca das reformas urbanas realizadas na primeira década do século XX. Paralelamente, analisar as possíveis implicações para contexto da formação social e cultural de Alagoas, visando assim, a construção de discussões que envolvam o contexto do início da República, como também, questões envolvendo o cenário atual.

### ESPECÍFICOS:

- Apresentar opções para o debate sobre a realidade de Alagoas.
- Facilitar a compreensão dos contextos macro e micro histórico.
- Possibilitar, o contato dos estudantes com fontes históricas, a fim de facilitar a percepção de tempo passado e presente.
- Percepção da diversidade do cotidiano (relações étnico raciais e de poder.

## CONTEÚDO E CRONOGRAMA DE AULA

### 2º Encontro – (2h/a)

#### METODOLOGIA (Linguagens e recursos didáticos)

Aula dinâmica, com uso de iconografia.

Iniciar as discussões apresentando imagem postal de Maceió (atual), numa perspectiva que não apresenta os detalhes do cotidiano, para então, aproximar para a realidade prática. Após feito esse apontamento, direcionar a aula para utilização de slides ilustrativos para apresentar as características materiais do recorte temporal em questão, acompanhado de fontes fotográficas do acervo de Luiz Lavenère. Daí, a partir da utilização de conceito de “Cidade panorama” de Michel de Certeau, despertar nos alunos uma perspectiva diferenciada ao observar os cenários dentro de uma perspectiva macro e micro. Problematizar então as reformas urbanas ocorridas no início do século XX tendo em mente o contexto histórico em questão e trazer tais apontamentos para a realidade prática dos alunos.

## **AULA 5 e 6:**

### **Conceito Substantivo: Revoltas Populares no Brasil**

**Conceitos Epistemológicos/2ª Ordem:** Nesta unidade os estudantes serão estimulados a entender e debater sobre a situação política do país durante o período das Oligarquias. Ao fim, eles serão capazes de abstrair o conceito de empatia, já que poderão, por exemplo, relacionar o período da Revolta da Vacina com o momento atual (covid-19). Serão capazes também de conseguirem desenvolver uma consciência histórica crítica ou não do papel fundamental de uma revolta (seus objetivos e causas). O estudante será capaz de explicar ou interpretar o assunto à sua maneira, já que o professor será apenas o intermediário ou o problematizador do assunto.

### **OBJETIVOS**

**GERAL:** compreender como se organizaram os governos do período da oligarquia no Brasil e como as ações de cada governo, somadas às diferenças regionais e crenças religiosas levaram a um conjunto de revoltas populares.

### **ESPECÍFICOS:**

- Apontar as mudanças no cenário político brasileiro e conseguir identificar como estas mudanças afetaram o povo brasileiro nas zonas urbanas e nas zonas rurais;
- Perceber as perspectivas regionais e econômicas da sociedade brasileira no novo cenário republicano;
- Entender como as contradições sociais levaram determinados grupos a seus processos de revolta.
- Analisar a participação de Alagoas nesse processo.

### **3º Encontro – (2h/a)**

Neste encontro será investigado o conhecimento prévio dos alunos, serão elencadas perguntas como:

- O que é uma Oligarquia?
- Como era a participação do povo nas eleições naquela época?

Todas as questões deverão ser expostas em sala de aula.

Após os questionamentos, será feita a exposição de conceitos com base em autores da própria historiografia, e também de livros didáticos. Expostos em slide mostrando os principais conceitos, observação do mapa que mostra onde as principais revoltas aconteceram e apontar as motivações e as características de cada movimento.

Após as análises vamos construir uma linha do tempo em conjunto, comparando os períodos de cada governo com os períodos em que cada revolta aconteceu.

#### METODOLOGIA (Linguagens e recursos didáticos)

- A aula será realizada de modo expositivo (utilizando slides para reafirmar conceitos), com um enfoque interativo, que possibilite definir juntamente aos alunos os conceitos primordiais do conteúdo (Coronelismo, religiosidade, revoltas rurais, revoltas populares), para poder então explicar a realidade social da República Velha.

- Será utilizada projeção de slides com esquemas explicativos, conceitos retirados de livros, além de um espaço para criação de conceitos com os alunos.

- No decorrer da aula os estudantes devem organizar anotações com suas pré-noções e noções adquiridas através das aulas. Esse material será utilizado para fazer uma comparação e assim evidenciar se conseguiram construir um novo conhecimento. É importante que eles reconheçam que houve uma alteração em seus conhecimentos (ultrapassando o senso comum).

#### **AULAS 7 e 8:**

##### **Conceito Substantivo: Quebra de Xangô**

**Conceitos Epistemológicos/2ª Ordem:** Explicação, Interpretação e Empatia Histórica.

#### OBJETIVOS

#### GERAL:

- Analisar o contexto social, político e econômico em que o Brasil se encontrava no ano de 1912, como se deu este movimento de intolerância religiosa em Alagoas, especificamente em Maceió, movimento que ocasionou a destruição de terreiros e perseguição de adeptos de religiões de matriz africana.

#### ESPECÍFICOS:

- Apresentar para os alunos um conhecimento prévio do que foi o quebra de xangô
- Analisar o contexto social da época
- Levantar questões sobre o preconceito religioso do momento ocorrido com alusões aos dias de hoje, mesmo depois de cem anos passado.

#### CONTEÚDO E CRONOGRAMA DE AULA

##### 4º Encontro – (2 h/a)

- A aula será feita de maneira expositiva, mostrando a riqueza da religião, seus antecedentes, a maneira como a religião de matriz africana chegou ao Brasil, destacando o choque cultural com o cristianismo, podendo ser apontado mediante este contexto o movimento da liga dos republicanos combatentes.

#### METODOLOGIA (Linguagens e recursos didáticos)

Metodologia, utilizando métodos áudio visuais, fazendo usos de músicas, vídeos que mostrem a respeito da religião/cultura afro brasileira.

#### AValiação

A avaliação dos alunos será feita de várias maneiras, são elas:

- A participação nas aulas
- A entrega de uma atividade onde eles deverão indicar alguma música, filme, série, poesia, livro ou vídeo, que faça uma reflexão sobre a condição da população negra no Brasil, justificando a indicação

- A entrega de uma atividade onde eles tragam imagens sobre a religião de matriz africana e relatar sobre o preconceito vivenciado nos dias de hoje, que eles já viram ou até que sentiram.

- Uma apresentação em sala de aula feita com a exibição de memes criados por eles, que tenham relação com as revoltas, podendo conter imagens, conceitos ou os personagens destas, sendo feito em grupos de até 4 pessoas.

- A entrega de uma produção de texto onde será escrita uma carta como se eles fossem personagens inseridos no início do Séc. XX, apresentando as características de vida desse personagem, tendo como referência as discussões feitas através das primeiras aulas do projeto, sobre os aspectos sociais mais gerais da Primeira República.

#### FONTES HISTÓRICAS

- Fotografias

- Textos/Capítulos de livros didáticos e acadêmicos

#### REFERÊNCIAS

A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a. p. 51-78.

ALVES, Alexandre; Oliveira, Leticia Fagundes de. *Conexões com a História: Volume Único*; São Paulo: Moderna, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. “Caminhadas pela cidade”. p 169-182 Petrópolis. Editora Vozes, 3ª edição, 1998.

COSTA, Valeria; GOMES, Flavio. *Religiões negras no Brasil da escravidão após à emancipação*. Rio de Janeiro. Ed. Selo Negro, 2016.

DIAS, Gabriela Torres. “O Intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950). Dissertação de mestrado. 2018.

GORENDER, Jacob. *Brasil em Preto & Branco*. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

IMAGEM. “*Casal de ex-escravos de mãos dadas*”, Porto Alegre, 1900. Disponível no acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

MATTA, Roberto da. *O que faz do Brasil, Brasil? “A casa, a rua e o trabalho” “O modo de navegação social: a malandragem e o jeitinho”* p 93-106. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p 21-34.

NOVAES, A. Fernando. *História da Vida Privada no Brasil Volume 3: “República da Belle Époque à Era do Rádio.”* Pág. 131-214 / 289-366

RAFAEL, Ulisses Neves. *Xangô rezado baixo: religião e política na primeira república*. São Cristóvão: Editora UFS; Maceió: Edufal, 2012.

RÜSEN, Jörn. *O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral*. In: SCHMIDT, M.

SALVARI, Fábio - *Recife, Formando cidadãos - Manual de história para o ensino fundamental*. São Paulo. Ed. SM. 2017

SENA, Sandra Catarina de. “*São quase todos pretos*”: cotidiano e experiência da classe trabalhadora em Maceió pós abolição. Maceió, PPG em História UFAL, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TENORIO, Douglas Apratto. *Metamorfose das Oligarquias. “Alagoas no alvorecer do século XX”* p19-38. “*A longa era dos Malta*” p 73-88. Maceió: EDUFAL, 2009.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História Geral e do Brasil*. 2 edição. São Paulo: Ed. Scipione, 2013.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História Geral e do Brasil*. 3 edição São Paulo: Ed. Scipione, 2013.

**Considerações finais;**

Em meio às dificuldades impostas pela situação pandêmica que estamos vivendo, foi possível notar que as aulas de forma remota foram realizadas de maneira produtiva, explorando a criticidade dos alunos, o debate, a mediação, instruções dadas pelo professor orientador da matéria Antônio Bezerra, além da contribuição para o nosso conhecimento com os textos e arquivos enviados por ele.

Os métodos que foram utilizados fizeram com que aprendêssemos a elaborar aulas criativas e proveitosas, sempre pensando no melhor aprendizado dos nossos futuros alunos.

Através das aulas, foi possível observar que foram contemplados conceitos epistemológicos como Explicação, Interpretação Histórica e Consciência Crítica, que são indissociáveis entre si e inerentes à própria Aula Histórica. Através da sequência didática estabelecida, pudemos suscitar reflexões vindas por meio dos debates que ocorreram nas aulas, o que fez das mesmas algo mais participativo e instigante, em tempos onde o desânimo muitas vezes quer se fazer presente.

#### **Referenciais teóricos.**

A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a. p. 51-78.

ALVES, Alexandre; Oliveira, Leticia Fagundes de. *Conexões com a História: Volume Único*; São Paulo: Moderna, 2010.

BUTT, Graham. *“O planejamento das aulas bem sucedidas.”* Ed. SBS. 2ª ed. São Paulo. 2009.

BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli T; SATLER, Carla F. *“Ensino de História e Etnicidades.”* Ed. Sobre Otons. 1ª ed. Rio de Janeiro. 2020. (pág 102 – 108)

CEREZER, Osvaldo Mariotto; GUIMARÃES, Selva. *“Professores de história iniciantes: entre saberes e práticas.”* Londrina. 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano.* “Caminhadas pela cidade”. p 169-182 Petrópolis. Editora Vozes, 3ª edição, 1998.

COSTA, Valeria; GOMES, Flavio. *Religiões negras no Brasil da escravidão após à emancipação*. Rio de Janeiro. Ed. Selo Negro, 2016.

DIAS, Gabriela Torres. “O Intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950). Dissertação de mestrado. 2018.

FENELON, Dea Ribeiro. “*A formação do profissional de história e a realidade do ensino.*” Paraíba. Ed Revista Projeto histórico. 1982.

GORENDER, Jacob. *Brasil em Preto & Branco*. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

IMAGEM. “*Casal de ex-escravos de mãos dadas*”, Porto Alegre, 1900. Disponível no acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

MATTA, Roberto da. *O que faz do brasil, Brasil?* “A casa, a rua e o trabalho” “O modo de navegação social: a malandragem e o jeitinho” p 93-106. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p 21-34.

NOVAES, A. Fernando. *História da Vida Privada no Brasil Volume 3: “Republica da Belle Époque à Era do Rádio.”* Pág. 131-214 / 289-366

RAFAEL, Ulisses Neves. *Xangô rezado baixo: religião e política na primeira república*. São Cristóvão: Editora UFS; Maceió: Edufal, 2012.

RÜSEN, Jörn. *O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral*. In: SCHMIDT, M.

SALVARI, Fábio - *Recife, Formando cidadãos - Manual de história para o ensino fundamental*. São Paulo. Ed. SM. 2017

SENA, Sandra Catarina de. “*São quase todos pretos*”: cotidiano e experiência da classe trabalhadora em Maceió pós abolição. Maceió, PPG em História UFAL, 2019.

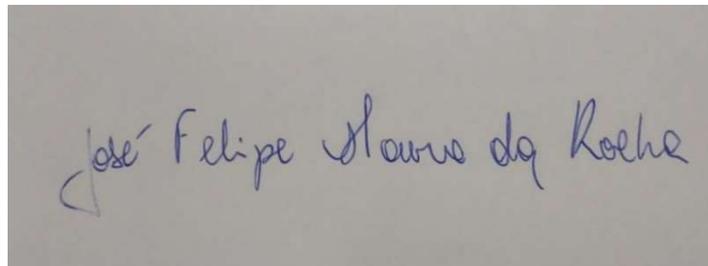
SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TENORIO, Douglas Apratto. *Metamorfose das Oligarquias. “Alagoas no alvorecer do século XX”* p19-38. “A longa era dos Malta” p 73-88. Maceió: EDUFAL, 2009.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História Geral e do Brasil*. 2 edição. São Paulo: Ed. Scipione, 2013.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História Geral e do Brasil*. 3 edição São Paulo: Ed. Scipione, 2013.

Maceió, 02 de junho de 2021.  
Matrícula n°: 17110957

A rectangular box containing a handwritten signature in blue ink. The signature reads "José Felipe Moura da Rocha".

---

Assinatura do estagiário.